



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Ficha de Pesquisa

A literatura nos séculos XX e XXI

Tronco do módulo/ D

1/ Temática abordada

Na literatura francesa encontra-se o lugar do handicap na sociedade.

Século XX:

Jean Dominique Baudry : O escafandro e a borboleta 1997

Hervé Bazin : Levanta-te e caminha 1952

Jeanne Benameur :As residências 2000

André Gide : A sinfonia pastoral 1919

Patrick Segal : o homem que andava na sua cabeça 1977

Século XXI:

Henry Bauchau : A criança azul 2006

Dorine Bourneton : a cor preferida da minha mãe

Cécile Ladjali : Ilustrado 2016

Aral 2012

Philippe Pourtalet : Un battement d'Elle 2014

2/ Contexto

destes romances vem diretamente do século XX o romance de André Gide A sinfonia Pastoral onde este faz do conceito da educação a intriga do seu romance. Com efeito, no início, trata-se de uma heroína sem nome, sem corpo e sem vida. « Oh! eu acho que ela está a dormir, é uma idiota ; ela não fala e não compreende nada do que estamos a dizer.. » quando aos quinze anos, os seus pais morrem, ninguém se interessou por ela, ninguém lhe dirigiu a palavra; mas o pastor decidiu acolhê-la em nome da religião protestante que ele encarna e dos seus princípios apenas por consideração. (o cego deixou-se levar como uma massa involuntária...”).

A primeira coisa que ele fez foi chamar-lhe Gertrudes; Vem-lhe em seguida a ideia de que ela pode ser educada; fala com o seu médico, que lhe confirma ao mesmo tempo que lhe anuncia que a sua cegueira é sem dúvida operável. Então diz-lhe que ela aprenderá, “ as suas feições se animarão”, como diz André Gide. Este trabalho faz-se através duma relação amorosa entre Gertrudes e o professor. O despertar dos sentimentos está especialmente em consonância com a abertura dos sentimentos através da música. É assim que ele tem a ideia de a levar a um concerto da sinfonia pastoral. Durante este vem-lhe a ideia de se apoiar na música para explicar as cores: compara os instrumentos de sopro ao amarelo, as cordas ao azul... explica mesmo o branco e depois o preto como o conjunto de uma orquestra em uníssono. Gertrudes acaba por ser operada e recupera a visão. Mas quando desperta apercebe-se que o amor que tinha pelo seu perceptor que ela pensava que poderia ser o seu amante era de facto um pai para ela que a tinha enganado todo o tempo: isto mata-a.

Este romance levanta a problemática da relação na transmissão, o que ela permite e também os seus limites, como também que o desejo do outro pode ser importante nessa relação. Permite ainda colocar a arte como meio pedagógico para ensinar solicitando a sensibilidade daqui em diante da pessoa deficiente. A porta das possibilidades está aberta e começa então a era duma literatura com uma visão firmemente otimista do handicap. Levanta-te e caminha de Hervé Bazin é um exemplo particularmente edificante. A heroína mostra uma vontade e um empenho na vida que toca todos nós ; seguiram-se na segunda metade do século XX uma série de autobiografias relatando o percurso de pessoas que passaram pela experiência do handicap a seguir a um acidente ou à nascença. Podemos citar O homem que caminhava na cabeça de Patrick Segal ou O escafandro e a borboleta de Jean Dominique Baudy. Isso permitiu uma maior difusão junto do grande público destas vidas escondidas nos séculos anteriores. O século XX aparece como uma época de grandes avanços na educação e abertura artística do mundo do deficiente. Mas continuamos com a deficiência física que é a mais evidente a que mais notamos.

Com o século XXI aparecem novas formas de handicap na literatura, especialmente o autismo e a iliteracia. É interessante observar que este último estado obteve este estatuto e que ainda se fala nele. Numa sociedade onde a escrita tem um grande lugar, podemos imaginar o desconforto que as pessoas iletradas devem sentir. Assim, os romances de Jeanne Benameur Os residentes e A iliteracia de Cécile Ladjali descreve-se em primeiro lugar a especial dificuldade destas personagens em ir à escola; Luce vai lá porque: “Vale a pena. Toda a gente lhe disse a escola é obrigatória” um encontro de uma extrema fragilidade instala-se entre esta menina e a instituição; ela quer aprender a escrever o seu nome, “é assim que toda a gente começa”, chega por fim o dia em que ela borda o seu nome num bocado de tecido e aí o seu corpo volta a viver. A história de Leo, o jovem dos subúrbios que luta para encontrar o caminho nos corredores do metro ajudado pela cor das linhas é também singular. Com seis anos, vê os seus pais partirem no Natal e não os verá mais porque eles morreram. Uma avó encarrega-se dele e de o levar à escola mas o acesso à escrita permanece muito complicado durante toda a sua escolaridade. No colégio, ele não encontra o seu lugar “quando se sentava em frente da sua folha em branco, tinha a impressão que à sua volta todos troçavam incluindo ele mesmo. Ele só se recorda os seis anos, quando os primeiros rudimentos da leitura e da escrita se concretizavam com os seus colegas até mesmo a Adelaide lhe dissera na manhã do dia de Natal que os seus pais tinham partido” Leo esqueceu isso a partir do momento em que entrou para a fábrica para trabalhar. Em adulto um encontro com a sua enfermeira e vizinha Sybille vai permitir-lhe interessar-se de novo pelo mundo da escrita; inscreve-se mesmo num curso num centro de inserção.

No entanto, nestes dois casos, a fragilidade dos seus encontros vai ser revelada ao leitor, mostrados os seus limites; assim, Luce vai rapidamente adoecer, prejudica a sua educadora de tal modo que ela cai na depressão. Leo não suporta ser deixado pela Sybille. A questão da transmissão do saber é assim colocada. Como se pode atender à singularidade de cada um na escola através da relação educador/educando? Freud diz que a escola “não deve reivindicar em seu nome a inexorabilidade da vida, ela não deve querer ser mais do que um jogo da vida”.

Assim, ao longo dos séculos, passou-se da ideia de que alguns homens que nasceram diferentes eram idiotas e mendigos de quem se poderia troçar sem limites até à ideia de que, através dos testemunhos das suas histórias, os deficientes poderiam contribuir para mudar a visão do outro sobre a diferença. Assim, são evidenciados tanto as possibilidades como os impasses em que se encontram e convida também a sociedade a ouvir as suas vozes.(caminhos)

3/ Finalidade

Esta ficha está associada ao módulo de formação da história do handicap e o seu enquadramento

legislativo.

4/ Limites

Estudámos apenas o caso da França

5/ Perspectives